

Mudança de Hábito: a nova estratégia contra-Terrorismo de Washington

Changing Habits: the new Washington's counterterrorism strategy

RICARDO DOS SANTOS POLETTO*

Meridiano 47 n. 109, ago. 2009 [p. 6 a 7]

A administração Obama trouxe muitas esperanças de mudança. No plano do desarmamento, reiniciou debates sobre redução dos arsenais nucleares e adotou um discurso de conciliação com Irã; recolocou os Estados Unidos na mesa de discussões sobre mudança climática; no combate ao narcotráfico, reconheceu a validade do princípio de “responsabilidade compartilhada” por ocasião da escalada da violência no México. Para completar a lista de contrastes e reavaliação de políticas globais, a bandeira da “Guerra contra o Terrorismo”, empenhada pelo governo Bush, merece análise particular.

A nova imagem norte-americana, suavizada internacionalmente, tornou-se uma estratégia em si mesma. Uma visão mais favorável aos americanos e às suas iniciativas depende, contudo, necessariamente de uma nova abordagem no que se refere à luta contra o terrorismo. Em sua primeira manifestação sobre o tema como presidente, em janeiro, Obama falou em valores e parcerias globais. O elemento mais decisivo de seu pronunciamento no *Washington's National Mall* foi a definitiva refutação de qualquer confronto civilizacional com o mundo islâmico, ao que se seguiu seu pronunciamento no Cairo, em abril. Essa nova postura poderá trazer dividendos positivos em termos de cooperação internacional e redução de incentivos para recrutamento de terroristas, impulsionado, por exemplo, por escândalos como Abu Ghraib.

O 11/9 inaugurou um período de retração da globalização, cujos efeitos foram claramente superdimensionados. Esse período, de grande peso do terrorismo na agenda de segurança, legou aos Estados Unidos o gigante burocrático do *Department of Homeland Security* e uma obsessão permanente: capturar Osama Bin Laden.

No jogo político doméstico, nenhum postulante à Casa Branca ousaria refratar tal objetivo. Na verdade, em que pesem as críticas convencionais sobre Afeganistão e Iraque, o candidato democrata atacou a administração Bush por não ter feito mais para interromper as atividades da Al Qaeda no Paquistão e prevenir a ameaça do terrorismo nuclear. Assim, a destruição da Al Qaeda e a captura de sua principal liderança permanecerão por muito tempo no topo da agenda política norte-americana sob o signo de um compromisso inalienável. Contudo, o discurso da “guerra” encontra seu esgotamento.

Nesse sentido, a ONG *Human Rights Watch* publicou relatório por meio do qual aplaude as reformas dos primeiros 100 dias da gestão Obama no que se refere à revisão da estratégia contra-terrorismo de George W. Bush. Por outro lado, embora os anúncios do fechamento da base de Guantánamo e de prisões da CIA, e a publicização de memorandos sobre abusos e autorização de tortura para investigação de suspeitos de terrorismo, a transição não estaria completa, pois, embora a orientação seja oposta, ainda não foi emitida uma rejeição categórica do discurso de “Guerra contra o Terror”.

Recentemente, programa secreto sobre eliminação de lideranças da Al Qaeda foi levado a conhecimento público. O escândalo contribuiu para a desmoralização dos esforços contra-terrorismo da última década. Tal estratégia cirúrgica se justificaria em face das dificuldades em lançar operações de decapitação via UAVs e mísseis Hellfire mesmo em países aliados. O Centro Contra-terrorismo da Agência Central de Inteligência (CTC/CIA) buscara brechas na Lei de Segurança Nacional de 1947 para desenvolver operações de inteligência e “técnicas de inquirição” mais agressivas

*Diplomata de carreira e mestrando em Relações Internacionais pela Universidade de Brasília—UnB (ricardosp@hotmai.com).

sob o pretexto de “circunstâncias extraordinárias”.

O segredo perdurou por mais de sete anos e sua publicidade indica uma clara mudança de orientação. Operações clandestinas levadas a cabo pelos Estados Unidos no Afeganistão e na América Central durante o governo Ronald Reagan (1981-1989) sofreram dura retração após o escândalo Irã-Contra e tiveram novo *momentum* durante a Era Bush. Com o governo Obama, inaugura-se um ciclo de revisão.

Debate sobre ciclos de inteligência levam a crer que os Estados Unidos experimentarão nos próximos anos uma redução nos gastos com contra-terrorismo. Após intensos esforços para recuperar a credibilidade das agências de segurança, em particular de inteligência, os norte-americanos experimentam a fase posterior de controle, investigação de abusos e proscrição de atividades clandestinas.

Os principais vetores dessa nova estratégia de revisão são diplomacia e assistência financeira ao mundo em desenvolvimento. Nesse sentido, a principal fronteira de ação permanece a zona cinzenta entre Afeganistão e Paquistão, países para os quais Hillary Clinton indicou o Embaixador Richard Holbrooke como representante especial do governo norte-americano. Não menos importante, o Oriente Médio tornou-se destino do enviado especial e ex-senador George Mitchell. A equipe atinente reúne, ainda, John Brennan, *advisor* presidencial para temas de contra-terrorismo, que teria sido vetado para o cargo de diretor da Agência de Inteligência por não ser um crítico de primeira ordem das políticas da administração Bush. A chefia da CIA foi legada, então, a Leon Panetta, que mesmo sendo alvo de críticas por ser um *outsider* da agência, vocalizou sua rejeição aos métodos de tortura empregados em métodos de inquirição empregados nos últimos anos. Finalmente, o General Dennis Blair, ex-chefe do Comando do Pacífico, ocupa o cargo de diretor da Inteligência Nacional.

A nova administração prima no plano do discurso pelo exemplo moral norte-americano como o caminho para a resolução de grandes desafios de segurança. A proscrição insofismável da tortura é um exemplo claro disso. Trata-se de uma política de princípios e, sobretudo, de otimismo, cujos resultados práticos teimam em resistir ao charme do novo presidente e exigem o teste do tempo.

No plano operacional, as medidas mais concretas dizem respeito à revisão das políticas de segurança cibernética. Trata-se de um compromisso central a proteção de infra-estrutura crítica sem prejuízo dos direitos civis e da privacidade, em contraste às práticas invasivas de monitoramento e vigilância advogadas pelo aparato do governo anterior, a exemplo do *Patriot Act*, de 2001. Ocorre, portanto, uma lenta reorientação da agenda de segurança, em direção a uma maior ênfase em segurança cibernética, ainda que conectada à lógica e promoção do terrorismo global. A percepção de vulnerabilidade virtual motivou a criação de coordenação especial, que terá assento no Conselho de Segurança Nacional. Uma nova estratégia voltada para a defesa de redes privadas, militares e governamentais vem responder à crescente percepção de vulnerabilidade apontada pelo estudo *Cyber Policy Review*.

O pressuposto mais evidente é o de que uma nova orientação de política externa, multilateral e de conciliação, funcionará como blindagem contra iniciativas de recrutamento e propagação do ódio antiamericano. Uma vez quebrado o ciclo de radicalização, logo, a estratégia militar torna-se um instrumento necessário, porém ancilar. A captura e eliminação de comandantes e operativos da Al Qaeda e do Talibã inscrevem-se na lógica de paciente esforço de comprometimento das redes terroristas. Por fim, a identificação abrangente de ameaças irregulares contribui para a desdramatização do tema, por meio da diferenciação do fenômeno local e globalizado e da atenção voltada para as modalidades do terrorismo nuclear, biológico e cibernético.

Recebido em 28/07/2009

Aprovado em 01/08/2009

Resumo: Esse artigo busca analisar a nova estratégia contra-terrorismo norte-americana, em contraste às políticas implementadas durante a Era Bush após o 11/9.

Abstract: This article aims at analyzing the new US counterterrorism strategy, in contrast with the Bush policies after the 9/11.

Palavras-chave: Estados Unidos, Contra-Terrorismo, Política Internacional

Key words: United States, Counterterrorism, International Politics